

---

## O jornalismo e o entretenimento no programa A Liga<sup>1</sup>

Georgia Baseggio SPILKA<sup>2</sup>  
Nadja HARTMANN<sup>3</sup>  
Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil

### RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa iniciada para a conclusão do curso de Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo – RS. O trabalho busca compreender onde o jornalismo e o entretenimento se enquadram no programa A Liga. Para isso, foi escolhido analisar o conteúdo e o formato de três programas: o episódio exibido em maio de 2014, sobre o ritual do Santo Daime; maio de 2015 sobre treinamento militar no Brasil; e maio de 2016 sobre a pacificação das favelas cariocas.

### PALAVRAS-CHAVE

Infotainment; Jornalismo Gonzo; Reportagem; Telejornalismo.

### Introdução

O presente projeto de pesquisa busca entender o limite entre o jornalismo e o entretenimento no programa A Liga. A Liga é um programa de reportagens transmitido pela Rede Bandeirantes de televisão, classificado como entretenimento pela própria emissora e trata de assuntos polêmicos. É exibido pela Rede Bandeirantes de televisão desde 4 de maio de 2010. Atualmente está em sua sexta temporada. Vai ao ar nas segundas-feiras, às 22h30 (com variações devido à programação). É apresentado por Thaíde e Mariana Weickert, e em 2016 contou com a participação de Maria Paula e Guga Noblat no elenco.

O objetivo é delimitar o jornalismo e o entretenimento no programa. Já que o jornalismo vem aderindo o entretenimento nas reportagens para produzir conteúdo com mais recortes de um só tema. Trazendo em um só programa, o ponto de vista de todos os lados da história de uma forma mais suave.

É importante também, entender o conceito de reportagem, para que possa delinear aspectos ligados ao jornalismo. Dentro disto, se os episódios escolhidos se enquadram dentro do que está previsto nas teorias do jornalismo.

Mostrar que, cada vez mais, o jornalismo se mistura com o entretenimento na televisão. Este é um ponto a ser explorado para que se entendam as teorias de

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso iniciado em fevereiro de 2017 para o curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo - RS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo – UPF/RS, e-mail: georgia.spilka@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora e mestre orientadora e coeditora do presente trabalho.

*Infotainment* e jornalismo Gonzo, por exemplo. De maneira geral, o programa mostrar uma forma de jornalismo mais livre, que trata de assuntos sociais e que muitas vezes são tabus.

A relevância do trabalho se justifica por se tratar de um programa de grande audiência, ser transmitido em rede nacional em um horário considerado nobre e também por disponibilizar todos os seus episódios no *YouTube*. Além disso, o jornalismo tem se apropriado da questão do entretenimento para trabalhar com grandes reportagens. Com a prestação de serviço e o entretenimento de mãos dadas, o jornalismo consegue atrair mais telespectadores.

As reportagens compostas basicamente a partir de entrevistas, e a postura dos apresentadores de sempre “viver na pele” um dia da profissão ou condição do entrevistado, são fatores que contribuem para a qualidade de jornalismo do programa. Como, por exemplo, as reportagens em presídios, onde um dos apresentadores passa 24h com os detentos para entender o seu dia-a-dia e histórias pessoais dos cases.

Outro motivo para analisar este programa, é porque ele trata de assuntos polêmicos, sempre tratando as pessoas com igualdade, sendo solidário e se emocionando com o que encontram nas pautas. É um tema de ampla importância, pois o jornalismo tem preferido tratar de assuntos polêmicos a partir de recortes mais descontraídos.

O trabalho vai fazer uso das publicações científicas – livros e artigos – relacionados ao tema, de diversos autores, e seu fichamento. Um estudo descritivo sobre o assunto, além da avaliação de episódios específicos do programa *A Liga*.

Os episódios que serão avaliados foram escolhidos pelo mês de estreia do programa na Rede Bandeirantes de Televisão. Sendo assim, episódios do mês de maio dos anos: 2014, 2015 e 2016 serão analisados. São eles: o episódio do dia 20 de maio de 2014, onde um dos repórteres participa de um ritual do Santo Daime e em outro recorte é apresentado a realidade da prostituição na rua; Outro episódio, do dia 5 de maio de 2015, sobre treinamento militar, que leva os apresentadores para acompanhar o treinamento dos soldados do exército e dos exercícios da marinha em alto mar; por fim, o programa televisionado no dia 10 de maio de 2016, onde é abordado um tema ainda muito recente no Brasil, sobre as favelas pacificadas no Rio de Janeiro. Nele, um repórter vai até a favela e outro retrata o ponto de vista da polícia.

## **Telejornalismo**

Olga Curado (2002) explica que, cumprindo uma determinação legal, o telejornal é parte da programação da televisão brasileira. “O decreto lei 52.795 de 31.10 1963, que trata do regulamento dos serviços de radiodifusão, estipula que as emissoras dediquem cinco por cento do horário da programação diária ao serviço noticioso” (CURADO, 2002, p. 15).

E complementa que os noticiários existem para atualizar o público sobre o que está acontecendo naquela semana, no dia e no momento. Para Curado (2002), o telejornal, vai ao ar para oferecer esclarecimento sobre fatos do cotidiano. “O limite do jornalismo é a verdade” (CURADO, 2002, p.17).

O autor Dominique Wolton (1996) acredita que a identificação e a representação na TV resultam em uma interação constante entre os espectadores e o que a televisão passa para quem a assiste. “Não é porque todo mundo vê a mesma coisa que a mesma coisa é vista por todo mundo” (WOLTON, 1996, p.69).

Flávio Porcello, Alfredo Vizeu e Iluska Coutinho (2013) citam como exemplo o episódio que marcou a história brasileira em 2013. O movimento “Vem pra rua” mobilizou milhões de pessoas pelo Brasil para irem às ruas protestar, inicialmente, pelo aumento do valor das passagens do transporte público.

Este novo episódio ocorreu no dia 17 de junho de 2013, uma segunda-feira, quando o povo brasileiro, que se organizou através das redes sociais, foi para as ruas. Foi um dia atípico na cobertura diária do Jornal Nacional, da TV Globo, que, em trinta e quatro minutos de programação ativa, ocupou 25 minutos e trinta segundos, ou seja, quase 75% do telejornal, transmitindo todos os acontecimentos ligados às manifestações de rua no país. (PORCELLO, VIZEU, COUTINHO, 2013, p.45).

Neste contexto, a narrativa do telejornal, para Porcello, Vizeu e Coutinho (2013), quanto ao momento histórico vivido pelos brasileiros, e a transmissão pelo telejornal consolidou na memória da população uma ideia mais otimista da nação como um todo. Em sua obra, os autores citam Gonzaga Motta, que defende que “narrativas são processos que dão significado à vida humana, nas diferentes culturas” (apud PORCELLO, VIZEU, COUTINHO, 2013, p. 46).

Neste sentido, as narrativas são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos. Metáfora da realidade ou representação, a narrativa é uma construção discursiva, um texto linguisticamente organizado para dar sentido às nossas experiências de vida. É o que acontece na narrativa do telejornal (PORCELLO, VIZEU, COUTINHO, 2013).

Já para Wolton (1996), o fato de a televisão ser bem sucedida, no que diz respeito à conquista do público, é resultado da problemática atual da comunicação. Esta condição continua sendo uma das grandes qualidades - mesmo que por vezes contraditória - da comunicação em massa.

Wolton (1996) apresenta dois termos para explicar a emoção que rodeia a comunicação. A primeira trata-se da comunicação “funcional”, que seria essencial para o funcionamento da sociedade em massa. E a segunda tese é a da comunicação “normativa”, que, uma sociedade voltada à liberdade, igualdade e na troca entre cidadão, valoriza.

Para uma classificação quanto à linguagem do meio televisivo, o autor Guilherme Jorge de Rezende (2000) destaca que a televisão se divide entre: icônica, linguística e sonora. E elege como soberano, o icônico. A conexão da imagem com o signo é sugestiva. O autor cita o exemplo de uma “estrela”, se aparecer na tela, uma estrela do cinema ou dos esportes, o telespectador irá identificá-lo no mesmo instante. (REZENDE, 2000, p.39).

Rezende (2000) afirma que “uma fala espontânea tende a ser mais agradável do que um discurso lido” (p.57). O autor usa esta justificativa para defender que a fala é mais natural e agradável do que um texto escrito. “A palavra falada, a impressão que se tem é que ela, de tão livre, não se contém na sua compulsão de comunicar, sobretudo emoções” (p.57).

A emoção que a televisão carrega é resultado das escolhas do jornalista. As palavras e as imagens certas são a combinação perfeita para uma boa reportagem. Visto o discurso, o foco passa a ser a questão da imagem. Wolton (1996) defende que a TV é uma representação de gênero ímpar, que se volta a um público anônimo e heterogêneo, que se mantém conectado constantemente a uma programação que oferta uma programação quase que permanente de imagens e *status* diferentes.

## **Reportagem**

Dentro do telejornalismo, têm-se diversos caminhos que podem ser seguidos. A notícia pode ser apresentada de formas variadas, sempre acompanhando o que o programa propõe. Com isso, neste tópico, a questão da reportagem será explanada. Desde seu contexto histórico, até formas de trabalhar com ela.

Dentro do jornalismo têm-se diversos caminhos. Para defini-los melhor, autores como José Marques de Melo (2003), Lia Seixas (2003) e Felipe Pena (2015), tentam separa-los em gêneros. Melo defende a importância de estudar gêneros jornalísticos, argumentando que tal estudo é fundamental para a criação de uma identidade do jornalismo como parte de pesquisas científicas.

Para a autora Lia Seixas (2003), professora da Universidade Federal da Bahia, a questão dos gêneros jornalísticos, desde a década de 50, tem sido um debate constante na academia. “A principal crítica, hoje, é que não acomoda a grande variedade produzida pela evolução da atividade jornalística, da qual surgem gêneros “mistos”, influenciados pelas novas mídias (digitais)”. (apud PENA, 2015, p.70).

Citando um exemplo, Melo (2003) é citado na obra de Pena (2015), onde apresenta a diferença entre nota, notícia e reportagem. O autor delibera “nota” como um processo em construção. O fato é novo e ainda estão sendo colhidas as informações; Na “notícia”, o relato se torna mais concreto. Com todas as informações na mão, a notícia é passada com credibilidade; E por fim, a “reportagem”, que é definida como um relato mais detalhado de um fato que já repercutiu na sociedade.

No livro *Reportagem na TV*, os autores Alexandre Carvalho, Fábio Diamante, Thiago Bruniera e Sérgio Utsch (2010) dizem que a reportagem é a essência de qualquer telejornal e ela depende completamente do ponto de vista que o repórter escolhe abordar. Carvalho (2010) contextualiza – historicamente – a reportagem dizendo:

Até o fim da década de 1990, essa modalidade do telejornalismo estava um tanto quanto esquecida, seja pelo custo, pela escassez de profissionais aptos ou pela análise de que o “algo mais” não era tão necessário. Desde o início dos anos 2000, é rara a semana em que pelo menos uma das emissoras de canal aberto não apresente reportagens especiais sobre os mais variados assuntos. (CARVALHO et al., 2010, p. 21-22)

A reportagem é um segmento muito importante do jornalismo. Para Felipe Pena (2015), “a definição de reportagem quase sempre é construída em comparação com a notícia” (apud, PENA, 2015, p.74). Pena (2015) faz um apelo importante no início do capítulo sobre o assunto, quanto ao perigo da romanização da função, citando como exemplo o famoso caso de Tim Lopes, que foi morto por conta de uma matéria sobre tráfico na Favela da Grota no Rio de Janeiro em 2002.

Ainda na obra de Pena (2015), Nilson Lage rebate com o argumento de que é o detalhamento do tema que define o interesse no assunto e, conseqüentemente, o maior

número de dados para o repórter contextualizar um todo com clareza para que todos entendam os fatos. (apud PENA, 2015, p. 75).

Pena (2015) cita em sua obra, os seis modelos de reportagem por João de Deus Corrêa. A *reportagem de perfil*, que trata da imagem psicológica de alguém, a partir de depoimentos de pessoas próximas ou do próprio personagem; a *reportagem de fatos* se apropria da dramaticidade de um fato e explora o assunto, analisando novos recortes sobre o tema; a *reportagem polêmica* trata justamente de assuntos polêmicos. Pode ser por um acontecimento, ou por uma pauta do veículo; a *reportagem monotemática* relaciona um acontecimento a outros antigos para relacionar e contextualizar o fato, bem como com intenção de criar uma adesão do público; a *reportagem de ação* utiliza de artefatos mais cinematográficos para ser produzida. Ela apela para o visual, com a narrativa mais coloquial e rápida; por fim, a *reportagem documental* que exige um pouco mais de dedicação do repórter para a coleta de depoimentos e no cuidado da escolha de documentos que deem credibilidade (p. 77 – 79).

### ***Infotainment***

A questão do *infotainment* é uma teoria nova. Segundo Dejavite (2006),

tal termo surgiu durante a década de 1980, mas só ganhou força no final dos anos 1990, quando passou a ser empregado por profissionais e acadêmicos da área comunicacional, como sinônimo daquele jornalismo que traz informação, prestação de serviço e ao mesmo tempo oferece divertimento ao receptor (DEJAVITE, 2006, p. 71).

Ainda segundo a autora, a fronteira entre o jornalismo e o entretenimento nunca foi bem definida e a sobreposição é quase inevitável. Delimitar e distinguir o que significa entreter e informar não é tarefa fácil.

Os limites entre a notícia e o divertimento estão borrados. É o que afirma Habermas, em sua obra *Mudança estrutural da esfera pública*. Para ele, as pessoas optam por notícias que também trazem o entretenimento. Pois elas entretêm imediatamente devido ao seu conteúdo audiovisual mais elaborado (apud DEJAVITE, 2006).

Há autores que não veem semelhança entre os dois aspectos. É o caso de Samuel Winch. Para o autor, é necessário separar os dois conteúdos e ainda traz quatro diferenças bem delimitadas entre eles. São elas:

a *funcionalidade*, visto que informa e o outro entretém. A segunda tem base *epistemológica*, pois os dois possuem valor e alcance distintos: um é tipo conhecimento factual o outro contém ficção. Já a terceira alicerça-se na *metodologia*, porque o entretenimento pode lançar mão, muitas vezes, do uso de fofoca e de especulação, e o jornalismo tem como único caminho a verdade. Por fim, o quarto diferencial firma-se na *organização* – em razão de que um é controlado pelos profissionais que servem ao público (no caso do jornalismo), enquanto o outro serviria às metas menos altruísticas (caso do entretenimento) (WINCH, 1997, apud DEJAVITE, 2006, p. 75).

Esta separação é positiva pela questão de que, comparando com o discurso de Habermas, que afirma que as fronteiras do jornalismo e do entretenimento são “borradas”, Winch não mostra apenas um limite, mas quatro. Porém, para Dejavite (2006), essa distinção pode ser considerada negativa pelo preconceito ao olhar o entretenimento. Para ela, “a primeira distinção proposta não admite que a notícia de entretenimento possa formar e informar” (DEJAVITE, 2006, p. 75).

Em contrapartida, o autor Mark Deuze (2001) defende que o *infotimento* é aquele jornalismo que apresenta informações. A prestação de serviço e o divertimento afins ao receptor. Para ele, esse conceito “é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano” (apud DEJAVITE, 2006, p. 72).

O autor Claude-Jean Bertrand (1999) conversa com as ideias de Deuze, mas traz uma reflexão. Diz que, historicamente, os veículos populares sempre deram mais atenção ao entretenimento. Mas seu medo, é que a “notícia *light* se sobreponha ao conteúdo mais sério (como o de política e o de economia) e mude o que nós conhecemos por notícia” (apud DEJAVITE, 2006, p. 73).

No caso de David K. Berlo (1999), não é útil determinar se esta prestação de serviço é informativa, persuasiva, ou se detém apenas a função de entreter, tendo em vista que a comunicação em massa já traz consigo todas essas características. Esta afirmação vai de encontro ao que Habermas cita, quando diz que as fronteiras do *infotimento* são “borradas”. Uma vez abstratas, é inútil defini-las, não se encontra o limite entre o entretenimento e o jornalismo.

Segundo a autora Claudia Giudice de Menezes (2002), a classificação do que se enquadra no jornalismo de entretenimento, vai “desde o sorriso da celebridade, a piada do político, os óculos da Gucci do senador, a catástrofe anunciada, o horror em tempo real, a morte intransitiva” (apud DEJAVITE, 2006, p. 88). Para a autora, é o uso

excessivo de adjetivos e advérbios, além da descrição minuciosa da cena, que passa a impressão de que o leitor é observador, e que se diverte enquanto se informa.

O autor Frantjesco Ballerini (2015) defende essa vertente do jornalismo como jornalismo cultural. Segundo ele, o século XXI, colocou a comunicação em colapso. Essa afirmação é complementada pela fala de Luiz Beltrão (1992), que aponta que o jornalismo cultural “tem como missão a prestação de serviço, divulgação de peças, livros, etc.” (BELTRÃO, 1992, apud BALLERINI, 2015, p. 45).

### **Jornalismo Gonzo**

De origem norte americana, o *new journalism* surgiu com a eleição de John Kennedy, a guerra do Vietnã e movimentos contracultura na década de 1960. Suas características eram inéditas no universo jornalístico. As descrições precisas de gestos e comportamentos de personagens não eram mais apenas uma forma de enriquecer a narrativa (LACERDA, 2007).

O novo jornalismo coloca o jornalista dentro do relato, “permitindo-se até introduzir-se no terreno da ficção” (LACERDA, 2007, p.4). A autora Luciene Lacerda cita em sua obra o autor Tom Wolf, que diz que houve uma renovação no estilo literário, mas também no que se diz respeito às técnicas e a forma de coletar material. “Estava mais intensa, detalhada e aprofundada” (apud LACERDA, 2007, p.4).

Lacerda (2007) cita as autoras Juliana Rangel e Ariane Ribeiro, que comentam sobre o novo jornalismo. O batismo de “*new journalism*” veio em 1966. Mesmo assim, não era aceito totalmente no jornalismo, nem na literatura. Nesta época o jornalismo se dividia entre duas vertentes: os jornalistas especialistas em furos e os especialistas em reportagens. E na reportagem que era menosprezado. Por conta da reportagem se voltar um pouco para a ficção, o novo jornalismo não se enquadrava em suas exigências.

Dando sequência ao novo jornalismo, o Jornalismo Gonzo, também em busca da não-ficção, se consolidou com o autor Hunter Thompson. Para a autora Christine Othitis (1994), Thompson nasceu em 18 de julho de 1939 em Kentucky, nos Estados Unidos. É considerado o nome do jornalismo Gonzo. No fim dos anos 1950 e início da década de 1960, o jornalista e escritor estadunidense estava cansado das linhas editoriais, opiniões e estilos de jornais por onde passou e procurava uma forma mais ousada para suas obras.

A autora cita também que a primeira obra que levou o nome de "gonzo" foi o relato sobre o evento mais famoso de *Louisville* (Cidade em Kentucky, EUA), "*The Kentucky Derby is Decadent and Depraved*" – em tradução livre – “O Kentucky Derby é Decadente e Depravado”. O jornalismo gonzo não segue padrões. Porém, Thompson adota um estilo que circula sua primeira obra.

Para Luciene Lacerda (2007) O primeiro livro de Thompson viria em 1966, solicitado pela revista *The Nation*, de São Francisco. Para sua realização, o jornalista viveu durante dezoito meses com a gangue de motociclistas *Hell's Angels*, que lhe rendeu a obra "*Hell's Angels: The Strange and Terrible Saga of the California Motorcycle Gang*". Thompson participou de todas as atividades do grupo. Incluindo consumo de álcool e drogas.

É jornalismo. Mas não o jornalismo usual, predominante, esse em que o repórter, em nome da imprescindível busca da objetividade, se sente desobrigado de servir ao leitor mais que uma pilha desinformações descarnadas – como se fosse isso a realidade. Como se a informação devesse ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronauta, que nutre sem a obrigação de ser palatável. Como se, provindos da mesma raiz latina, saber e sabor pudessem andar juntos (WERNECK, 2004, apud LACERDA, 2007, p.5)

Através do jornalismo gonzo, Thompson propôs a transição do que afasta o jornalismo da ficção. O autor admite que sua teoria tenha se moldado ao longo dos anos. “Outros nomes para o gonzo são o jornalismo fora da lei, o jornalismo novo, o jornalismo alternativo e o cubismo literário” (apud OTHITIS, 1994).

Lacerda (2007) cita os autores Castro e Galeno que se apoiam na afirmação de que o Gonzo se expressa em uma mistura de veracidade e da dramaticidade dos fatos, tendo como característica principal uma narrativa de qualidade.

Quanto à linguagem que caracteriza o Jornalismo Gonzo, o leitor tende a estranhar a forma como o autor escreve. Uma mistura de estranheza e emoção é causada por conta de:

[...] o uso de primeira pessoa do repórter; o humor contido na reportagem sob aspecto de ironia e sarcasmo, até mesmo com o leitor; o texto opinativo, mostrando a vivência do repórter-narrador sem pretensão de busca um juízo de valor, focando apenas na experiência e na tentativa de fazer com que o leitor possa junto a ele provar o acontecimento, o que remete a primeira característica falada, a proximidade entre o repórter e o leitor [...] (LACERDA, 2007, p.7).

Por conta destas características, da mesma forma como aconteceu com o New Journalism, o Jornalismo Gonzo não teve reconhecimento como jornalismo, nem como literatura. Assim, “a caracterização de um gênero que não é legitimado, pois como não respeita nenhuma regra, combinando ficção com realidade, os jornalistas gonzo não têm nenhum reconhecimento de carreira literária, sendo assim, heróis por o fazerem” (LACERDA, 2007, p.7).

Para o autor Franco Martelli (2006), o jornalismo gonzo de Hunter Thompson consiste em uma narrativa excêntrica e no envolvimento pessoal do repórter com a pauta. Martelli (2006) cita o autor Alex Burns, que defende que o estilo é a verdade através do ponto de vista do jornalista que escreveu como um personagem da trama. A busca do autor pela verdade é o que acaba sendo a história.

Uma questão muito debatida dentro do jornalismo é quanto à imparcialidade. Ainda segundo Martelli (2006), mais uma característica do jornalismo gonzo se dá pela escrita na primeira pessoa, o que acaba com a isenção ideológica. Em uma conversa direta com o leitor, o autor do texto traça uma cumplicidade com a experiência que conta. “Outra peculiaridade é a valorização da experiência do repórter, a tal ponto que o mesmo se torna um personagem da história” (MARTELLI, 2006, p.21).

A linguagem de Thompson é marcada por ser cômica e ácida. O que desconstrói a formalidade que envolve o jornalismo. “Thompson lembra que o jornalismo pode ser tão verídico sem enveredar necessariamente pela objetividade. É aí que os elementos de ficção se entrelaçam facilmente aos fatos, dando maior vulto às sensações que produzem um acontecimento, em vez dos mesmos feitos que o conformam” (MARTELLI, 2006, p. 21).

Desconsiderando totalmente a questão da imparcialidade, torna-se papel do jornalista descrever a realidade que o rodeia. Com esta imersão, o autor estabelece o contexto.

Pânico. Ele percorreu minha espinha como as primeiras vibrações de uma viagem de ácido. Todas essas realidades horrendas começaram a amanhecer em mim: Aqui estava eu, completamente sozinho em Las Vegas com esse maldito carro incrivelmente caro, completamente chapado, sem advogado, sem dinheiro, sem matéria para a revista - e ainda por cima eu tinha uma maldita conta gigantesca de hotel para lidar. Dentro daquele quarto nós havíamos pedido tudo que mãos humanas poderiam carregar - incluindo cerca de seiscentas barras de sabonete transparente Neutrogena (THOMPSON, 1971 apud MARTELLI, 2006, p. 22).

---

Um elemento que lembra os princípios do jornalismo gonzo é quanto à descrição do uso de drogas e álcool. Por mais que não seja necessário, essa atitude está ligada a nova forma de captação da realidade no jornalismo.

## **Metodologia**

O terceiro capítulo irá trazer a questão metodológica usada para o estudo. O presente trabalho vai fazer uso das publicações científicas – livros e artigos – de diversos autores que são relacionados ao tema. Um estudo descritivo sobre o assunto, além da avaliação dos programas. Além de apresentar os episódios que serão analisados, mais adiante será discorrido sobre A Liga e toda sua estrutura detalhada.

A análise vai ser desenvolvida para avaliar o conteúdo dos três episódios escolhidos. São eles: o episódio do dia 20 de maio de 2014, onde um dos repórteres participa de um ritual do Santo Daime e em outro recorte é apresentado a realidade da prostituição na rua.

Outro episódio, do dia 5 de maio de 2015, sobre treinamento militar, que leva os apresentadores para acompanhar o treinamento dos soldados do exército e dos exercícios da marinha em alto mar; por fim, o programa televisionado no dia 20 de maio de 2016, onde é abordado um tema ainda muito recente no Brasil, sobre as favelas pacificadas no Rio de Janeiro. Nele, um repórter vai até a favela e outro retrata o ponto de vista da polícia.

Earl Babbie (1989), citada no livro de Cláudia Lago e Marcia Benetti, defende que a análise de conteúdo é livre de intromissão direta no objeto de estudo (p. 124). Visando um melhor resultado, a metodologia eleita é a análise de conteúdo. Segundo Herscovitz (2007), “o profissional vai encontrar um modelo para entender o produtor da notícia, o receptor desta, a organização que coordena aquele veículo, e o processo produtivo e aspectos culturais nele implícitos” (Herscovitz, 2007, pg. 17).

Herscovitz (2007) defende que exista um modelo que reúne elementos quantitativos e qualitativos. E diz que não existe método perfeito de pesquisa, mas sim, bem conduzidos e construídos. Nessa base, a autora defende que se recolham os materiais (seja ele impresso, áudios, digital ou eletrônico), e os enquadre em categorias previamente estudadas.

Para ordenar os materiais, Herscovitz (2007) indica a unidade e as categorias de análise. Com isso, é possível identificar detalhes de cada categoria, e analisar

individualmente cada item. A partir da análise dos programas exibidos, busca-se entender o limite entre o jornalismo e o entretenimento. A análise se baseia no discurso das reportagens, bem como os recortes e as fontes.

A pesquisa será feita através da leitura e fichamento de obras literárias voltadas à teoria jornalística. Com base nas teorias de Herscovitz (2007), será construída uma tabela para analisar cada um dos programas. Dentro dela, os itens de análise foram compostos por conteúdo de discurso, entrevistado e tempo de entrevista.

## **A Liga**

No artigo *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico*, Ana Carolina Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro (2015) contextualizam que o programa A Liga é original da produtora *Eyeworks Cuatro Cabezas*. Na Argentina é chamado de La Liga (e The Team, em inglês). Teve sua forma comprada pela Rede Bandeirantes, do Grupo Bandeirantes de Comunicação para o Brasil.

“A Liga” é um programa exibido pela Rede Bandeirantes de televisão desde 4 de maio de 2010. Atualmente está em sua sexta temporada e vai ao ar nas segundas-feiras às 22h30 (com variações devido à programação). É apresentado por Thaíde e Mariana Weickert, e neste ano (2016), Maria Paula e Guga Noblat também integraram o elenco.

A definição apresentada no site oficial do programa, no portal da Band, conta que “A Liga” busca mostrar a vida na sua realidade. Sempre tratando de diferentes assuntos ao longo dos programas. E também cita uma forma “sem filtro” para abordar os temas.

Para Temer e Ribeiro (2015),

A definição do programa como um “novo tipo de jornalismo”, somada à ideia de um show televisivo cheio de “entretenimento, ironia e drama” dá espaço para o entendimento de que se trata de um programa que encontra-se na fronteira entre os gêneros informativo e entretenimento. (TEMER, RIBEIRO, 2015)

O programa aborda assuntos polêmicos e que normalmente são tabus para a sociedade. Já abordou assuntos como: as situações dos presídios, acompanhantes de luxo, bailes *funk*, comunidade LGBT, treinamentos militar, cultos religiosos e homicídios.

Na maioria dos episódios, o início é marcado por uma narrativa que contextualiza um pouco do assunto que será abordado. Mostram-se dados e imagens do tema, bem como trechos das entrevistas que logo mais serão vistas no decorrer do programa. Os episódios não seguem um padrão de abertura. Citando um exemplo, o capítulo que foi ao ar no dia 20 de junho de 2016, sobre “Crimes Passionais”<sup>4</sup>, apresenta um trecho do noticiário da época sobre o caso “Eloá”<sup>5</sup>, além de dados sobre crime contra a mulher. Na mesma abertura, aparecem mais casos famosos como o “Caso Yoki”<sup>6</sup> e o “Goleiro Bruno”<sup>7</sup>.

Na sequência do programa, os repórteres já fazem uma apresentação informal sobre onde estão e o que vão abordar naquela situação. Os repórteres tem o constante compromisso de explicar para o telespectador sobre onde estão e o que pretendem fazer. Não utilizam estúdio em nenhum momento das gravações. Com isso, essa explicação inicial do assunto, não pode ser considerada uma “cabeça de reportagem”<sup>8</sup>.

Citando o exemplo do episódio sobre crimes passionais, o entrevistado é apresentado por meio de um *off* e imagens de apoio. Uma breve história sobre o entrevistado é contada para integrar o telespectador e logo a entrevista começa de fato. São entrevistas normalmente longas. Com tempo médio de aproximadamente 10 minutos.

O diálogo é feito informalmente, sem nenhum tipo de roteiro aparente. Entrevistado e repórter estão juntos andando pelo local da gravação, ou sentados juntos informalmente. Em alguns casos estão em meio ao próprio ambiente de trabalho do entrevistado, inclusive enquanto ele cumpre seu serviço. As entrevistas, de maneira

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y96ESyXew>

<sup>5</sup> Em 13 de outubro de 2008, Eloá Pimentel foi mantida em cárcere privado pelo ex-namorado durante aproximadamente 100 horas. O crime aconteceu em Santo André, no ABC paulista.

Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-eloa/a-historia.htm>

<sup>6</sup> Elize Matsunaga era casada com o diretor-executivo da empresa Yoki, Marcos Matsunaga. Em 19 de maio de 2012, após uma discussão, Elize matou e espartaneou o ex-marido.

Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/06/elize-discutiu-com-marido-sobre-guarda-da-filha-afirma-advogado.html>

<sup>7</sup> No dia 4 de junho de 2010, Eliza Samudio foi até o sítio de Bruno Souza, na época, goleiro do Flamengo, e suposto pai do filho dela. Eliza foi morta por comparsas do ex-atleta, e o inquérito, concluído no dia 30 de julho de 2010, apontou Bruno como mandante do crime. Bruno já cumpriu a pena e está em liberdade.

Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-bruno/caso-bruno-a-historia.htm>

<sup>8</sup> Para os autores Vitor Almeida e Iluska Coutinho, a “cabeça de reportagem” é um pequeno texto dado no estúdio pelo apresentador (ALMEIDA, COUTINHO, 2015).

geral, não se limitam só às informações técnicas. Tudo que envolve o trabalho – ou o dia a dia - do entrevistado é abordado. As funções e o sentimento que é envolvido.

Cada caso apresentado é finalizado com um *off* de outro repórter, trazendo dados e dando o gancho para a próxima abordagem. A forma como o programa é conduzido transmite naturalidade. Os entrevistados são ordenados de forma que – sempre que possível – um *case* complemente o outro. A edição do programa trabalha com muitas imagens de apoio e trilha. O teor do local onde o repórter está é determinado pelo drama que é passado na edição.

Ao mesmo tempo em que, por exemplo, é mostrado o caso de um assassino, são também abordados os departamentos legais de investigação e profissionais da saúde que comentam os transtornos psicológicos.

Após as entrevistas, os repórteres conversam diretamente com a câmera. Eles comentam sobre a entrevista que acabaram de fazer e transmitem opiniões e impressões particulares ao telespectador. O bloco dura em média 15 minutos. A preparação para o que será visto no próximo trecho do programa conta com algumas cenas prévias do que será visto a seguir.

Esta participação constante do repórter se confirma para os autores Amanda Louzada, Jordana Estevão e Rodrigo Cerqueira (2015). Em seu artigo *A Liga: uma Discussão sobre Gêneros Jornalísticos na TV*, os autores defendem que o programa tem a finalidade de colocar o repórter na experiência dos fatos e, com isso, expor para o telespectador o processo de construção da reportagem. Os autores também citam a participação do repórter no decorrer dos fatos. Ele interage e opina constantemente na realidade do entrevistado (p 1:2).

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Vitor; COUTINHO, Iluska. *Análise da saúde no telejornalismo público: a temática no Repórter Brasil edição noturna*. Intercom 2015, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1828-1.pdf>. Consultado em: abril de 2017.

BALLERINI, Franthiesco, *Jornalismo cultural no século 21*, Summus, São Paulo, 2015.

BAND, Informações obtidas no site da Rede Bandeirantes. Disponíveis em: <http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga//2016/o-programa.asp>. Consultadas em agosto de 2016, 2016.

CARVALHO, Alexandre; et. al., *Reportagem na TV*, Contexto, São Paulo, 2010.

CURADO, Olga, *A notícia na TV*, Alegro, São Paulo, 2002.

DEJAVITE, Fabia Angélica, *INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo*, Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática, São Paulo, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de, *Televisão entre o mercado e a academia*, Editora Sulina, Porto Alegre, 2006.

LACERDA, Luciene Mendes. *O jornalismo gonzo: um possível diálogo entre Hunter S. Thompson e Arthur Veríssimo*, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20jornalismo%20gonzo.pdf>. Consultado em: março de 2017.

MARTELLI, Franco. *Jornalismo gonzo: uma análise acerca do jornalismo literário*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Comunicação Social e Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1490/2/20264463.pdf>. Consultado em: abril de 2017.

OTHITIS, Christine, *The Beginnings and Concept of Gonzo Journalism*, The Great Thompson Hunt, 1994. Disponível em: <http://www.gonzo.org/articles/lit/esstwo.html>. Consultado em: março de 2017.

PENA, Felipe, *Teorias do jornalismo*, Contexto, São Paulo, 2015.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska, *#telejornalismo: na rua e nas telas*, Coleção Jornalismo Audiovisual, Florianópolis, 2013.

REZENDE, Guilherme Jorge de, *Telejornalismo no Brasil*, Summus, São Paulo, 2000.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas, *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico*, Intercom 2015, Rio de Janeiro. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1084-1.pdf>. Consultado em setembro de 2016, 2015.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão brasileira*, Editora Ática, São Paulo, 1996.